

Palavra OPERÁRIA

jornal publicado pela Liga Estratégia Revolucionária - Quarta Internacional
ano X setembro de 2010 | Suplemento especial juventude

QUEBRANDO AS CATRACAS E ROMPENDO OS MUROS DAS UNIVERSIDADES!



UNIFICAR O MOVIMENTO ESTUDANTIL EM ALIANÇA COM OS TRABALHADORES

No momento que fechamos essa publicação, estudantes secundaristas, universitários, do ensino técnico, ao lado dos trabalhadores e da população, ocupam as ruas na argentina numa grande marcha em defesa da educação pública, num movimento que começa a se unificar com heróicas lutas operárias como a da fábrica Paraná Metal. Dentro do contexto da crise capitalista, onde a tendência aos ataques a direitos básicos da população se intensifica com o endividamento dos estados capitalistas, principalmente na Europa como vimos na Grécia e em Portugal, e a jovem classe operária chinesa começa a protagonizar grandes lutas salariais massivas contra os salários de fome que rebaixaram o nível de vida dos trabalhadores do mundo todo.

No país de Lula, constitui-se o mito da evolução gradual das condições de vida dos trabalhadores e do povo pobre que agora se combina com a farsa eleitoral controlada pelo poder econômico, do financiamento milionário das campanhas dos candidatos burgueses, e de promessas vazias, que se alçam sobre a miséria social para alavancar votos e a perpetuação da exploração e opressão.

Milhares de jovens são submetidos a empregos precários, com jornadas exorbitantes e um salário de miséria. Os que conseguem entrar na Universidade, ainda que na maioria das vezes em centros particulares, enfrentam a batalha de se formar e muitos são expulsos por não conseguirem pagar as mensalidades milionárias que as

vezes chegam a ser o dobro do salário mínimo vigente. Unificar o movimento estudantil secundarista, das públicas e particulares em aliança com os trabalhadores e a população pobre que estão fora é a única maneira de transformar radicalmente a realidade do ensino brasileiro.

A crise capitalista, que vai afetar o Brasil cada vez mais profundamente nos coloca a obrigação de travar cada luta do movimento estudantil em profunda aliança com os trabalhadores. Fazemos um chamado a toda a juventude a confrontar o ceticismo e o individualismo da nossa geração, tomando para si a tarefa apaixonante de mudar o curso da história!

CONGRESSO DOS ESTUDANTES DA UNESP E FATEC

Colocar o movimento estudantil às ruas!

O Congresso dos estudantes da Unesp e Fatec tem como objetivo reunir centenas de estudantes, entre delegados e observadores, para discutir como encarar os grandes problemas do ensino superior, da nossa universidade e para que possamos contribuir mais ativamente na construção de um movimento estudantil nacional combativo, democrático e aliado aos trabalhadores. Essa tese foi construída em comum por nós da Ler-qi com diversos setores de estudantes independentes das unidades de Marília, Franca, Rio Claro, Rio Preto e Araraquara. Chamamos todos a conhecê-la no blog <http://dceunespfatec.blogspot.com>.

Fortalecer o movimento da Unesp e FATEC pela base e unificar nossa luta

Na Unesp, cada vez mais é gritante a falta de políticas de permanência estudantil, como moradia de qualidade, restaurantes universitários, bolsas BAE etc. Além disso, todos os campi (mas principalmente os "experimentais") também enfrentam a falta de professores, de trabalhadores e de infra-estrutura minimamente adequada. Os companheiros da FATEC enfrentam problemas parecidos e uma nova tentativa do governo estadual em acabar com o vínculo da FATEC com a UNESP.

O Congresso é uma oportunidade única para que possamos discutir e votar ações coordenadas contra os ataques da reitoria e elaborar uma pauta unificada. Como primeiro passo, propomos a realização de um grande ato unificado em frente à reitoria da UNESP em São Paulo no mês de outubro para reivindicar a pauta que aprovaremos no CEUF e cobrar de Herman, nosso reitor, as inúmeras promessas que faz em todos os campi em que passa. Entre os eixos centrais que devemos ter para este ato, certamente encontra-se a exigência de políticas de permanência estudantil adequadas, para que os poucos filhos da classe trabalhadora que passam pelo vestibular tenham condições de se manterem como estudantes. Basta de aceitar companheiros abandonarem seus cursos por falta de condições para se manterem estudando! Devemos exigir moradias estudantis, bandeirão público subsidiado e bolsas de auxílio no valor de um salário mínimo em toda a Unesp!

Unifiquemos o movimento das universidades públicas com o das privadas em defesa da educação pública

O ensino superior no Brasil é uma realidade para apenas 13% dos jovens de 18 a 24 anos, sendo que de cada 10 matriculados, 7 estão em universidades privadas. Os projetos de educação de Lula a nível federal, assim como de Serra em São Paulo, mantêm e aprofundam essa lógica, porém vestidos com um discurso demagógico de democratização do acesso ao ensino superior. Contudo, o que percebemos na realidade é que tal discurso não passa na prática da expansão sem investimento, como no REUNI; do uso de verba pública para comprar vagas nas universidades pagas, no caso do PROUNI; através do ensino à distância; ou então com projetos como o novo ENEM, que é falsamente apresentado como o fim do vestibular.

Propomos que o CEUF vote e organize o apoio as lutas dos estudantes das universidades privadas, como a importante mobilização pela redução radical das mensalidades em curso na Fundação Sto André, e que ainda nesse semestre organize um grande plebiscito que sirva para levar a discussão sobre a UNIVESP (Universidade Virtual do Estado de São Paulo), discutindo essas questões em cada sala de aula. Precisamos avançar na defesa de um projeto de universidade que de fato garanta o livre acesso à educação pública de qualidade e que volte o co-

nhecimento produzido para as demandas e interesses dos trabalhadores e demais setores oprimidos.

A TERCEIRIZAÇÃO ESCRAVIZA, HUMILHA E DIVIDE: lutemos em defesa das/os trabalhadoras/es terceirizadas/os!

Cada vez mais vem avançando a terceirização nas universidades, e no governo Lula isso só se intensificou. Os trabalhadores terceirizados, que são em sua maioria mulheres negras, ganham bem menos que os efetivos, não têm uma série de direitos e nem podem se organizar politicamente no local de trabalho. É uma verdadeira escravidão à serviço de encher os bolsos dos ricos empresários de firmas terceirizadas e também uma forma dos governos dividirem os trabalhadores e enfraquecerem as lutas. A terceirização está se dando até mesmo na área docente, com os contratos temporários de professores e pesquisadores.

O movimento estudantil precisa lutar contra isso, assim como fizeram os estudantes de Marília, que construíram uma forte greve com ocupação da direção contra a terceirização do restaurante universitário. Façamos uma grande campanha contra a terceirização, defendendo que os trabalhadoras/es terceirizadas/os sejam incorporados ao quadro de efetivos sem a necessidade de concurso público, já que se não lutamos por sua incorporação, essa luta resultaria na demissão de boa parte das/os terceirizadas/os que hoje já estão trabalhando.

BASTA DE MULHERES MORTAS POR ABORTOS CLANDESTINOS!

28 de setembro é o dia latino americano e caribenho pela legalização do aborto. No Brasil a cada 15 segundos uma mulher é vítima de violência. A cada duas horas outra é morta. Quase um milhão de mulheres recorre ao aborto clandestino a cada ano, e cerca de 400 morrem devido a complicações no procedimento. Negar o direito ao aborto a essas e outras mulheres favorecendo o aborto clandestino, não passa de mais uma forma de violência contra a mulher que é perpetuada pelo Estado burguês que Lula governou durante 8 anos, e é um verdadeiro massacre às mulheres trabalhadoras, pobres e negras, pois são as que mais morrem e sofrem com as seqüelas da clandestinidade do aborto. Por isso, propomos que nos mobilizemos com força no dia 28 de setembro, unificando as forças na luta pelo direito ao aborto livre, legal, seguro e gratuito construindo um grande ato em São Paulo.

ORGANIZAR UMA COMBATIVA CALOURADA UNIFICADA

Para que possamos discutir com os estudantes todos estes problemas da universidade, sobretudo com os ingressantes, e como nos organizaremos para dar respostas, é fundamental que desde o CEUF votemos que o DCE, as entidades de base e os estudantes em geral, construam uma calourada unificada com eixos discutidos previamente no CEUF. É também uma importante iniciativa de combater os trotes violentos e os elitistas de escreverem UNIP nos calouros.

O movimento estudantil deve se posicionar frente aos principais fenômenos políticos nacionais e internacionais

O Brasil passa hoje por um cenário eleitoral, onde cada candidato da burguesia tenta convencer os trabalhadores e a juventude com uma demagogia típica do circo eleitoral, num regime marcado pelo seu caráter anti-democrático, onde as candidaturas de esquerda não tem espaço na mídia e pequenas organizações, como a LER-QI, ou lutadores dos movimentos sociais, não podem se can-

didatar sem legalizar um partido com mais de 500 mil assinaturas em todo o país.

O movimento estudantil precisa se dirigir ao conjunto dos estudantes chamando à independência frente aos governos e a não se iludirem com as eleições como via de transformação da realidade e também pronunciar-se denunciando esta democracia dos ricos e chamando os estudantes e os trabalhadores a votarem contra a conciliação de classes, rechaçando os candidatos da burguesia como Serra, Dilma e Marina Silva.

Devemos nos posicionar ao lado dos trabalhadores europeus que estão resistindo aos ataques que os capitalistas querem descarregar sobre as costas dos trabalhadores. No dia 29 de setembro, está convocada uma greve geral na Espanha, no mesmo dia em que vão haver manifestações em outros países como Grécia e França. É fundamental aderir ao chamado que a ANEL está fazendo de um ato no Consulado da Espanha em São Paulo em solidariedade aos trabalhadores espanhóis e europeus.

É fundamental que o movimento estudantil adote uma perspectiva abertamente anti-imperialista. Precisamos encampar como uma luta de todo o movimento estudantil, outra resolução progressiva aprovada na ANEL: "uma campanha composta por materiais, atos e debates de conteúdo anti-imperialista, pela saída imediata das tropas do Haiti, Costa Rica, e pela expulsão imediata da 4ª frota, e pelo fim imediato do embargo a Cuba!"

A luta em defesa dos trabalhadores cubanos e contra a burocracia castrista e suas medidas pró-capitalistas como o plano de 500 mil demissões, coloca essa tarefa ainda mais na ordem do dia.

Refundar o Diretório Central dos Estudantes da UNESP/FATEC

Precisamos fortalecer o Diretório Central dos Estudantes, tal como fortalecer os CA's e DA's nos campi. Para isso é preciso uma entidade bem organizada, democrática e construída a partir da base dos estudantes, ligando os setores mobilizados com os estudantes em sala de aula. Ela deverá expressar os setores mais mobilizados, e levar as discussões para onde há dificuldades de organização.

Para nós esse DCE deverá sair a partir de uma eleição democrática, direta e proporcional. Ou seja, que possam se organizar chapas com os programas previamente divulgados e com debates entre as distintas chapas para que os estudantes possam conhecer melhor as propostas. A diretoria do DCE será composto pelas chapas que participaram do processo seguindo sua proporção de votos. Assim todos os setores dos estudantes terão sua expressão política na entidade, que deve funcionar como um organismo de frente única para fortalecer o movimento estudantil.

Além disso, nos momentos de luta, onde as assembléias de base são massivas, achamos que esse DCE deve estar subordinado a comandos ou conselhos de delegados retirados em assembléia de base e com mandatos revogáveis. Isso é o que chamamos de auto-organização, que é essencial para garantir a democracia direta dos estudantes em luta.

Também é preciso fortalecer a participação nos Conselhos de Entidades, que na Unesp historicamente vem sendo um importante organizador das lutas, e os Congressos, que propomos que sejam anuais. Propomos também que o CEUF eleja nossos representantes discentes para o Conselho Universitário, para participar destes organismos num caráter de denúncia e para combater os projetos da burocracia acadêmica. Estes RD's devem ser revogáveis pelos



CONSTRUIR UMA FORTE CAMPANHA CONTRA A REPRESSÃO AOS LUTADORES

Por conta das últimas lutas, as reitorias e o governo estadual vem levando a frente uma série medidas repressivas contra os trabalhadores e os estudantes das universidades estaduais paulistas. Há vários estudantes que seguem sendo processados por conta da ocupação da reitoria da USP em 2007, estudantes da UNESP expulsos, suspensos ou perseguidos por lutar contra os ataques da reitoria e por defender os funcionários, além da demissão inconstitucional do dirigente do SINTUSP, Claudionor Brandão, por ter participado das últimas greves na USP e a recente suspensão da Patrícia, funcionária da USP, que participou da ocupação da reitoria junto com os estudantes em 2007. Sabemos que há outros casos de repressão por parte das reitorias, como o dos estudantes de Bauru que estão sendo perseguidos por realizar uma festa dentro do campus em apoio ao fundo de greve dos trabalhadores, o assédio e perseguição ao DA de Rio Preto pelo apoio que deram aos funcionários deste campus. Ou então, o caso do funcionário do campus de Franca, o Fred, que foi demitido depois de denunciar um caso de corrupção na biblioteca da faculdade.

A repressão vem sendo a política sistemática que as reitorias e o governo utilizam para intimidar a organização e a luta do movimento estudantil e dos funcionários em defesa da universidade pública de qualidade e contra os interesses dos seletos docentes que dominam o regime universitário e colocam a universidade a serviço dos capitalistas. Essa repressão aos lutadores é a mesma que sofre o MST, o MTST, e que afeta também o povo pobre e, particularmente, a juventude negra.

Por isto, neste CEUF, propomos votar uma ampla campanha contra a repressão aos lutadores com cartazes, panfletos e boletins unificados. Também devemos nos somar aos estudantes e trabalhadores da USP, que no dia 30 de setembro organizarão uma paralisação e um ato contra a repressão, transformando numa grande jornada estadual de atividades, debates e atos contra a repressão aos trabalhadores e estudantes das universidades e aos movimentos sociais, levantando também as outras demandas do movimento estudantil.



VIVA A LUTA DOS ESTUDANTES DA FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ: Redução imediata e radical das mensalidades de todos os cursos!



Entrevista com Evandro estudante independente da FSA, membro do D.A. FAFIL e integrante do Bloco ANEL às ruas.

1-) De um panorama geral sobre a luta que se iniciou na FSA.

A luta na FSA teve início no final do ano de 2009 e começo de 2010 quando a reitoria implementou um sistema de cobrança de mensalidades que impedia alunos devedores de se rematricularem.

Paralelamente, no começo desse ano um grupo razoável de estudantes, entre militantes da LER-QI e independentes, reuniu-se em torno da mobilização dos professores da rede estadual e formou um grupo bem coeso, destacando-se com bandeiras de igualdade de salário e condições de trabalho entre professores efetivos e temporários.

Nesse contexto, o grupo ganhou corpo, se unificou em torno de várias bandeiras, principalmente a aliança operário-estudantil.

Ainda no 1º semestre desse ano apoiamos a greve dos trabalhadores da USP e das estaduais paulistas, nos unificamos com a luta das trabalhadoras que bloquearam a entrada da cantina da FAFIL por 1 semana pelo pagamento dos seus salários atrasados e contra os abusos morais que elas recebiam de seus chefes, criticando a existência da iniciativa privada na Universidade.

Ainda no final do 1º semestre formamos uma chapa militante e combativa que acabou sendo eleita para o D.A. FAFIL.

Nas férias ficamos sabendo que o setor de cobrança estava "expulsando judicialmente" os estudantes inadimplentes da universidade, esvaziando os 3 prédios (FAFIL, FAECO e FAENG). Frente à essa iniciativa, mobilizamos vários setores do movimento estudantil, construímos assembléias de cursos na FAFIL e forjamos uma frente única nas assembléias gerais, sendo que 1 delas teve mais de 500 estudantes. Deliberamos várias resoluções importantes, como a redução de no mínimo 50% das mensalidades, a anistia da dívida e o fim da perseguição aos inadimplentes, entre outras.

2-) Qual foi o papel do DA FAFIL nesse processo?

A nossa gestão (Desafiando a miséria do possível) conseguiu aliados importantes em outros prédios que não tinham tradição de luta na universidade, trazendo para o ME novos indivíduos. Organizamos o comitê de mobilização com estudantes da FAECO, FAENG e FAFIL, como também outros grupos políticos.

Sempre nos colocamos inteiramente na luta dos estudantes e trabalhadores na FSA e fora dela. Fomos contra desde o início a reitoria da Universidade, diferente do Espaço Socialista que chamou voto no atual reitor semeando a ilusão dos estudantes no regime universitário.

No meio do processo passamos por uma experiência fundamental que foi a construção do bloco "Anel às ruas" junto com diversos estudantes da UNESP, PUC-SP, USP, UNICAMP etc. Intervimos nas assembléias da ANEL, lá nos deparamos com várias notícias do país inteiro e exemplos importantes como a greve e a ocupação estudantil na UNESP de Marília. Conseguimos aprovar uma campanha nacional pela redução das mensalidades nas universidades particulares e eixos importantes no programa como anistia dos devedores, fim do vestibular e estatização das pagas.

Nossa atuação foi bem importante, pois fez com que o setor majoritário (PSTU) desse peso para a luta que se iniciava na FSA, diferente do que foi nas mobilizações em SP no 1º semestre. Achamos importantes eles se organizarem, porém os companheiros possuem uma concepção errada de ME, rejeitaram o nosso chamado a compor o DA proporcionalmente e agora estão com uma política bem oportunista de no meio da luta criar um "coletivo" deles em detrimento do fortalecimento do comitê de mobilização, aspecto que já foi percebido por vários estudantes combativos.

3-) Qual a importância que enxerga para unificar o ME das públicas e particulares em aliança com os trabalhadores que estão fora?

Trata-se de uma aliança fundamental! Extremamente necessária hoje na FSA. Sabemos que a tal "democratização do ensino" proposta pelo Governo Lula, com planos como ProUni não atende à necessidade da população brasileira de uma Educação de qualidade, pública e gratuita para todos. Pois favorecem o lucro dos donos das universidades particulares que precarizam totalmente a qualidade do ensino. Ao mesmo tempo em que nas universidades públicas, onde se tem ainda melhor qualidade, o acesso é limitado às classes mais privilegiadas da sociedade.

Nesse sentido, unir estudantes que entendem a importância da democratização do ensino, mas ensino de qualidade, para toda a população e estudantes que sofrem com o ensino precarizado é importantíssimo para forjar uma luta nacional pela garantia do acesso e também da produção do conhecimento a serviço dos trabalhadores e da sua emancipação.

Por isso, atualmente na FSA queremos que essa luta que se inicia não seja vista pela população de Santo André como algo corporativo, e desde o DA FAFIL buscamos a aliança com as comunidades locais e todos os trabalhadores da região, reivindicando o direito deles ao acesso a universidade.

4-) Quais são as perspectivas do movimento?

Mobilizações e lutas intensas daqui pra frente. A reitoria, para dividir o movimento, está estudando uma proposta de alguns professores, que apesar de ter uma base teórica marxista são totalmente adaptados a academia. Eles propõem reduzir as mensalidades na FAFIL em detrimento de aumentar na FAECO e FAENG. A mesma reitoria também diz que têm que cobrar mesmo e que o serviço social serve para medir quais são os estudantes que devem ou não ser perseguidos. Percebendo a nossa mobilização, os professores da FAECO indicaram uma paralisação na última quarta (15/09) para reivindicar o reajuste salarial de 5%, a reitoria para não deixar o movimento ganhar mais força concedeu o reajuste, mas ainda que mostre que possamos conquistar nossas demandas, temos que ter claro que é uma tentativa de frear as nossas ações.

Os estudantes da FSA sabem disso e estão começando a entender a importância da mobilização. Esperamos conseguir elevar o nível de consciência pró-operária entre os estudantes. Buscaremos a vitória até o final, porém sabemos da dificuldade que o cenário nacional impõe. O fundamental é que essa experiência seja fruto de uma batalha dada, onde possamos refletir nossos erros e acertos e nos preparar para continuar combatendo a estrutura de poder da universidade e seus ataques aos estudantes e trabalhadores.

LUTAS ESTUDANTIS NA ARGENTINA: Trabalhadores e estudantes, unidos e adiante!

Depois de um mês de ocupações de escolas e faculdades na Argentina, a luta dos secundaristas, que conquistam apoio de universitários, docentes e trabalhadores, deve ser preenchida de solidariedade internacional. Isso porque se mostra como um exemplo de como a juventude pode e deve se colocar em luta direta, junto aos trabalhadores e o povo pobre, contra a miséria e a falta de perspectiva que nos reserva o capitalismo. Além disso, frente à crise capitalista, a vitória dos jovens que se colocam junto à classe trabalhadora - vendo nessa aliança a chave para uma transformação radical da sociedade - em qualquer lugar do mundo é uma vitória para toda a juventude e os trabalhadores.

Parte disso é a necessidade de tirarmos lições e aprendermos com a luta dos estudantes argentinos. Desde o PTS (organização irmã da LER-QI na Argentina), da agrupação secundarista No Pasaran (PTS e independentes) e da agrupação universitária En Clave Roja (PTS e independentes), levantamos hoje como chave para avançar a necessidade de massificar e coordenar o movimento democraticamente pela base, através de delegados eleitos nos organismos locais em cada escola ou universidade. Isso é o que pode potencializar a luta estudantil, fazendo as diversas camadas de estudantes, que se levantam, combaterem unificadamente o governo, a oposição burguesa, a mídia e diversos setores que, apesar da suposta diferenciação, quando se trata de atacar a luta dos estudantes, atuam unificadamente reprimindo a organização estudantil.

Também sustentamos a necessidade de através desses organismos coincidirem a luta com os trabalhadores da Paraná Metal - cujos trabalhadores hoje lutam contra a precarização das relações de trabalho-, com os docentes - cada vez mais precarizados-, com os trabalhadores não-docentes nas universidades e escolas e com os setores com-

bativos de trabalhadores surgidos em processos como o da Kraft Terrabusi. Isso se concretizou na primeira assembléia inter-estudantil realizada em que participaram mais de 2 mil estudantes, na Faculdade de Medicina da UBA, entre universitários, secundaristas, e estudantes de ensino técnico. Nessa importante assembléia estavam presentes também trabalhadores da Kraft-Terrabusi, os terceirizados ferroviários do trem de Roca, e as operárias da Felfot, além da saudação dos operários de Paraná Metal.

Liga-se, portanto, as demandas dos estudantes com as dos trabalhadores, criando um movimento estudantil pró-operário, que luta contra a opressão e exploração da sociedade de conjunto e denuncia a repressão policial e as políticas repressivas dos governos Kirchner e Macri e do conjunto da burguesia argentina.

A ANEL enviou uma delegação para Argentina e achamos isso muito importante. Porém é necessário ir além e transformar essas lições dos estudantes Argentinos em uma arma para usarmos aqui no Brasil. Lutas a serem dadas não faltam. Por exemplo, na USP, trabalhadores que lutaram esse ano vêm sendo punidos; Brandão segue demitido e a companheira Patrícia vem sendo perseguida; à maioria dos jovens trabalhadores do país é negado o direito de estudar, sobram cassetetes e violência policial. Desse ponto de vista, tanto no Congresso dos Estudantes da UNESP e Fatec (CEUF) como nos processos de mobilização estudantis no Estado, como os que ocorrem hoje na Fundação Santo André, achamos que devemos encaminhar moções, abrir discussões, pensar em atos e todas as alternativas possíveis para criar solidariedade orgânica com os estudantes argentinos.

O movimento estudantil universitário, secundarista e de ensino técnico chega a uma importante marcha, depois de algumas semanas com muitas lutas. Nas perguntas que se seguem, quatro estudantes argentinos responderão sobre esses dias de conflito, essencialmente de como estão as perspectivas para o movimento de defesa da educação, no colégios e nas universidades.

Como vocês vem as perspectivas do movimento em defesa da educação pública?

Ramiro da Sociologia UBA

"Surpreendeu-me como aumentou na minha faculdade, que em geral é uma sede organizada, a participação da base estudantil com respeito a 2008. Todos os estudantes nos vimos impactados pelos secundaristas, que são um exemplo de luta. Além de como os estudantes do ensino técnico se vão somando a luta e vão realizando assembléias cada vez maiores. Inclusive ver que lugares como o IUNA, com pouca tradição de organização, saem à luta em defesa da educação pública. Neste sentido esta semana é chave na história do movimento estudantil; mostrará nas marchas sua força e na [assembléia] interestudantil de segunda estabelecerá a continuidade da luta. Em definitivo, creio que o movimento estudantil vem crescendo e continuará o fazendo."

Debora da Historia UBA

"Vejo que está indo bem. Em ascenso, no auge. Cada vez existem mais faculdades tomadas e secundaristas que seguem em luta. Amanhã vamos ver na marcha a quantidade de estudantes que estamos lutando pela educação."

Pedro de Historia UBA

A verdade é que vejo com muita vitalidade, pode-se dizer que goza de uma saúde que não tenho visto nos últimos 30 anos. É um movimento que esta se gestando graças e por desgraça, porque a educação está realmente destruída, caindo aos pedaços. Não apenas na cidade senão também na província de Buenos Aires, e não só na província senão a nível nacional. Existe uma perspectiva muito maior que a que se expressa desde certos setores que opinam que é somente na cidade.

Federico del Fader

"Desde a semana passada conhecemos o aparato do Estado. A perspectiva se dá em que há uma ligação no movimento, existem 30 colégios tomados pela segunda vez e isso pode permitir, caso sigamos este caminho, vitórias contra as manobras do governo"



UNE ou ANEL: que coordenação nacional para o movimento estudantil?

A questão da articulação nacional do M.E. vem sendo um debate que percorreu todo o governo Lula, mas se intensificou desde a onda de lutas do que se desatou a partir de 2007.

A falta de articulação que tiveram todas essas lutas, bem como o papel diretamente traidor da UNE, contra todas as mobilizações. Estimulou um processo de reorganização do ME, que teve como sua principal expressão o surgimento da Assembléia Nacional dos Estudantes - Livre (ANEL), em junho de 2009, fundada num Congresso com cerca de 1800 estudantes de todo o país. De lá para cá, ficou cada vez mais claro o papel da UNE como braço do governo no movimento, bem como uma dinâmica progressiva da organização da ANEL, que já realizou 3 assembléias nacionais com centenas de estudantes e várias assembléias estaduais em todo o país.

Se a ANEL não cumpriu um papel superior até agora, deve-se à política da sua direção majoritária, o PSTU, que tem uma postura passiva frente aos principais processos de luta, como foi no caso de São Paulo a recente greve das universidades estaduais paulistas. Além

disso, as assembléias da ANEL, tem votado resoluções progressivas, mas a direção majoritária não é consequente na sua implementação. É por isso que, nós da LER-QI acabamos de lançar junto a uma série de independentes o BLOCO ANEL ÀS RUAS, que já reúne cerca de 200 estudantes em SP, RJ e MG, que teve uma atuação destacada nas últimas assembléias da ANEL, conformando um bloco que se apresenta como alternativa à essa política do PSTU.

Nosso bloco se constituiu a partir da intervenção em comum numa série de processos de luta, principalmente nas universidades públicas e privadas de SP, e tem como eixos a necessidade da luta por um ME anti-burocrático, combativo, aliado aos trabalhadores e que tenha como eixo a luta por uma universidade a serviço dos trabalhadores e do povo pobre, partindo da luta pelas demandas mínimas estudantis, mas sempre as ligando ao questionamento da estrutura de poder, do conhecimento produzido e do acesso a universidade.

O ME da Unesp/Fatec, que vem protagonizando uma série de lutas exemplares no último período, pode assumir um papel superior na tarefa de construção da ANEL, atuando com todas as forças para transformá-la numa ferramenta que seja capaz de unificar os estudantes das públicas, das privadas e dos secundaristas numa perspectiva combativa.

No entanto, atuar com centralidade na ANEL, não pode significar deixar de fazer um trabalho sobre a base da UNE para ganhar setores que possam ter a UNE como referência, ainda que superestrutural, porque não fizeram sua experiência com a burocracia do PCdoB e PT que dominam a entidade junto a partidos burgueses. Isso não significa estabelecer um "diálogo" aparatista passivo com a "esquerda da UNE" (PSOL) como propõe o PSTU, mas ser ofensivos no trabalho na base das universidades, ou até organizando estudantes para ir aos Congressos da UNE (sem legitimá-lo como delegados) para dialogar com os estudantes que querem lutar e apresentá-los a alternativa da ANEL. Também não é o mesmo do que propõe correntes como o PCO e o POR, que defendem a construção da UNE, legitimando um espaço completamente burocratizado e ignorando que um setor importante de estudantes combativos estão se organizando na ANEL. Essa posição cobre pela esquerda a burocracia da UNE e obstaculiza a coordenação do movimento estudantil combativo a nível nacional por não apresentar nenhuma alternativa.

Nesse sentido, propomos que o CEUF vote a construção da ANEL, elaborando um manifesto dirigido ao ME nacional, convocando os estudantes a impulsionarem junto conosco essa importante tarefa, assim como o trabalho na base da UNE.